

As oportunidades lusófonas

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS*

O espaço da lusofonia – uma designação in-grata que não dá conta das polifonias que circulam no interior dela e lhe dão vida e à qual, por isso, prefiro espaço de língua oficial portuguesa – está a ser constituído num contexto da crescente globalização das interações económicas, sociais, políticas e culturais. É uma forma de globalização regional que se defronta com três desafios que podem ser formulados através de três questões. Sendo certo que se confrontam hoje em dia duas formas de globalização – a globalização neoliberal, dos capitais e das imposições do Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e Organização Mundial do Comércio, por um lado, e a globalização da solidariedade, dos grupos de cidadãos em luta por um mundo mais justo e mais respeitoso das diferenças culturais, por outro –, de que lado está o espaço da lusofonia? De que oportunidades dispõe este espaço nas globalizações em curso? Quais as condições para as explorar?

Primeiro desafio da lusofonia

Quanto ao primeiro desafio, o espaço da lusofonia tem revelado grande ambivalência. Os países hegemónicos neste espaço, Portugal e Brasil, além de se terem envolvido no passado em querelas ridículas de disputa de hegemonia, ora vêem este espaço como um mero espaço de negócios, onde são visíveis pretensões e preconceitos coloniais ou

neocoloniais, ora o vêem como uma oportunidade para a construção de uma comunidade transnacional solidária, apostada em afirmar no mundo uma forma própria de interculturalidade. Nas relações entre Estados tem dominado a primeira posição, enquanto entre as associações da sociedade civil tem estado muito presente a segunda. No caso dos restantes países, a ambivalência resulta de terem de ceder aos imperativos da globalização neoliberal – imperativos que em grande medida são originados fora deste espaço –, sempre que eles obstam à globalização solidária a que estes países aspiram. A paralisia da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) decorre desta ambivalência, do facto de ser uma organização de estados que se diz querer promover uma forma de globalização que tem frutificado sobretudo em iniciativas da sociedade civil.

Uma globalização diferente

No futuro, a sobrevivência do espaço da lusofonia dependerá da posição frente à globalização que prevalecer. De facto, o espaço da lusofonia não tem qualquer viabilidade no âmbito e nos termos da globalização neoliberal. Trata-se de um espaço com quase nula capacidade de manobra nesta forma de globalização, ferreamente controlada pelos países mais desenvolvidos. Assumindo que há interesse em assegurar a viabilidade do espaço da lusofonia – e por parte da sociedade

civil, pelo menos, tal interesse existe – é necessário fazer com que prevaleça a opção pela globalização solidária. Para que isso seja possível é preciso responder aos restantes desafios que consistem em saber que oportunidades tem este espaço e que condições tem para as explorar.

Sem pretensões de exaustividade, enumero as seguintes oportunidades: É o espaço com a mais longa duração histórica de contactos entre culturas europeias e culturas não europeias. A longa duração permitiu que os contactos abrangessem todos os sectores da vida social e configurassem de modo substantivo as subjectividades individuais e colectivas. Falamos tanto de saberes como de sabores, tanto de funcionalismo público como da música e da dança. Em segundo lugar, este espaço não foi gerido por um poder colonial forte. Foi o único espaço colonial de origem europeia em que a sede do império foi por algum tempo transferida para uma das colónias. Desta debilidade advieram consequências negativas, mas também positivas. Entre estas últimas, foram possíveis relações não coloniais na constância do colonialismo. Sem poder recorrer ao apoio do estado colonial, os colonos tiveram muitas vezes de contar apenas com as suas próprias forças, e estas consistiram frequentemente na sua capacidade de negociação com as populações locais. Realizaram-se miscigenações e misturas identitárias inimagináveis noutros impérios. Foi o único espaço colonial onde a

adopção, por parte dos colonos, dos costumes e modos de vida e de religião das populações locais – o que ficou conhecido como *cafrealização* – foi frequente, apesar de mal vista pelas autoridades coloniais. Os processos de descolonização – até que ponto houve descolonização e não apenas fuga precipitada é debatível – ocorreram no bojo de revoluções na metrópole (a revolução liberal e a revolução do 25 de Abril) que tornaram possível a descolonização sem demasiados laços neocoloniais.

Exigências políticas, culturais e educativas

Estas são as oportunidades que a nossa história oferece ao nosso futuro como espaço regional com identidade própria nos processos da globalização. Estaremos em condições de as aproveitar produtivamente? É este o terceiro desafio e o mais exigente. Entre as exigências saliento as seguintes:

primeira, promover a educação intercultural e pós-colonial em todos os sistemas educativos deste espaço, uma educação que faça do passado um recurso para a construção de um futuro emancipador. Sem tal educação não será possível mobilizar os cidadãos, movimentos sociais e associações cívicas para apostar nas potencialidades deste espaço enquanto modo distinto e próprio de conceber as relações Norte/Sul; segunda, pressionar os Estados, sobretudo Portugal e Brasil, para incluir na agenda das arenas internacionais onde têm algum peso – União Europeia ou Grupo dos 20 – as necessidades e aspirações específicas do espaço da lusofonia; terceira, converter as universidades deste espaço em elos privilegiados de redes de investigação que envolvam investigadores de todos os países, em condições de igualdade e de respeito mútuo; quarta, criar uma coordenação lusófona de

cultura e música populares com o objectivo de transformar este extraordinário manancial num património que se afirma no mundo globalizado no mesmo processo em que é apropriado pelos jovens deste espaço. Quando tal património for expressão da auto-estima dos jovens enquanto protagonistas de uma cultura e de uma música com voz própria no mundo globalizado, este último reconhecê-lo-á como irredutível à massificação dominante; finalmente, transformar a língua portuguesa num instrumento de criação cultural, como um conjunto de línguas em português, de que fala Saramago. Ou a língua artesanal, plástica e fugidia a gramáticas, como quer Mia Couto. Uma língua que admiramos por ser capaz de levar precisamente Mia Couto a perguntar: “quando uma paisagem é de admirar constrói-se um admiradouro?”

* Faculdade de Economia | Centro de Estudos Sociais

